

## UM HISTORIADOR FABULOSO: ENTREVISTA COM JAMES NAYLOR GREEN

**Entrevistadores:**

**Prof<sup>o</sup> Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior**  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Brasil  
**Prof. Dr. Elias Ferreira Veras**  
Universidade Federal de Alagoas - Brasil

*Entrevista realizada em Florianópolis, em 1º de agosto de 2017, na residência da historiadora Joana Maria Pedro, durante o 13º Congresso Mundos de Mulheres, realizado juntamente com o Seminário Internacional Fazendo Gênero 11. Agradecemos ao historiador James N. Green pela disponibilidade e a Joana Maria Pedro por nos receber em sua casa.*

O historiador, brasileiro e ativista dos direitos LGBT, James Naylor Green, nasceu a 22 de novembro de 1951, em Baltimore, Maryland, Estados Unidos. Pertencendo a uma família de tradições religiosas Quaker, que advinham da Inglaterra, do século XVII, se formou nos valores do pacifismo, da simplicidade e da amizade, rejeitando qualquer tipo de organização clerical. Essa formação pacifista o levou a participar, no final dos anos sessenta, dos protestos contra a presença americana na Guerra do Vietnam, acontecimento decisivo para sua politização. Em contato com um grupo de jovens quakers, passa a partilhar seu interesse em estudar os conflitos políticos na América Latina, terminando por se voltar para o estudo da realidade brasileira. Ele sempre atribui a afinidades pessoais o seu interesse pelo Brasil, mas basta conhecermos o Jimmy para entendermos do porque ter escolhido nosso país para seu objeto de estudo: ele é o americano mais brasileiro que conheço, já que possuiu ou assimilou, perfeitamente, muitos dos traços culturais que são atribuídos ao ser brasileiro, principalmente os melhores deles: a simpatia, a alegria, a afetividade, a generosidade, a sensualidade, o charme e uma enorme capacidade de sedução.

No início dos anos setenta, se engaja na denúncia da ditadura militar brasileira participando do Committee Against Repression in Brazil liderado pelo ex-presos político Marcos Arruda. Paralelamente, participa do movimento de liberação homossexual nos EUA, fazendo da luta pela conquista de direitos e pela afirmação pública e política do sujeito homossexual a causa maior de sua vida pessoal e acadêmica. Em 1972, coerente com suas atividades de militância, gradua-se em Ciência Política pelo Earlham College, Indiana. Em 1975, ao encontrar-se com uma atriz brasileira, resolve mudar-se para a América Latina, vindo radicar-se em São Paulo, onde se torna um dos militantes fundadores do Grupo Somos

de Afirmação Homossexual, agrupamento pioneiro na luta pela visibilidade do sujeito homossexual no país. Nesse período volta aos estudos de Ciência Política na Universidade de São Paulo, participando do movimento estudantil e integrando o grupo de esquerda defensor das ideias trotskistas, Convergência Socialista, que mais tarde viria a ser um dos agrupamentos políticos fundadores do Partido dos Trabalhadores.

Permaneceu no Brasil, atuando como professor de inglês, entre os anos de 1976 e 1982. De volta aos Estados Unidos, cursa o Doutorado em História da América Latina, na Universidade da Califórnia, Los Angeles, entre os anos de 1992 e 1996. Nesse mesmo ano é contratado como Professor Assistente da Universidade Estadual da Califórnia, Long Beach, onde permaneceu até o ano de 2004. A partir de 2005 torna-se professor da Universidade de Brown, Rhode Island, da qual é, desde 2013, professor titular, onde ocupa a cátedra de História da América Latina, antes ocupada pelo renomado brasilianista Thomas Skidmore.

Vem frequentemente ao Brasil para realizar as pesquisas que embasam seus livros sobre a história do país. As temáticas que aborda estão diretamente ligadas à sua vida e à sua militância em torno das causas que abraçou. Tem se mantido permanentemente atualizado sobre o que se passa no país, vindo ter intervenção importante na denuncia internacional do golpe que afastou irregularmente a presidente Dilma Rousseff do poder. A luta pela democracia, por justiça social e pelos direitos das minorias, notadamente dos homossexuais, tem sido a vida e a causa de viver de James Green. Essa luta se expressa nos livros que escreveu ou organizou sobre a história do país, sempre embasados em ampla e rigorosa pesquisa documental: *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (2000), *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos* (2005), livro por ele organizado; *Frescos Trópicos: fontes para a história da homossexualidade masculina no Brasil (1970-1980)*, organizada com Ronald Polito (2006), *Apesar de Vocês: a oposição e a ditadura militar brasileira nos Estados Unidos* (2009), *Homossexualidade e a ditadura brasileira: Opressão, resistência e a busca da verdade* com Renan Quinalha (2014) e *Revolucionário e Gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel, pioneiro na luta por democracia, diversidade e inclusão* (2018).

O livro que acaba de lançar sobre a vida do militante de esquerda, participante da luta armada, Hebert Daniel, um homossexual que teve um papel relevante na luta contra a estigmatização e o preconceito contra os portadores do vírus HIV, que teve um papel nuclear na luta pela inclusão dos homossexuais como sujeitos de direito, diz muito do que significa a trajetória como historiador e como ativista do próprio Jimmy. Hebert Daniel é uma espécie de alter ego do próprio autor do livro, pois ambos, de maneira generosa, dedicaram sua vida

e seu pensamento a lutar por um mundo mais humano, fraterno, igualitário, plural, inclusivo e democrático. Ambos deram um sentido a sua existência: a luta por uma causa, por uma ideia, por um projeto de mundo e de convivência. Nesse momento tenebroso que se abate sobre o mundo e, especialmente, sobre o país que o Jimmy tanto ama, ouvi-lo é sempre um aprendizado e um bálsamo. Com ele aprendemos que a luta e a resistência em torno de ideais e projetos de um mundo mais generoso e fraterno, que façam de estrangeiros, de estranhos e diferentes, semelhantes e amigos, são sempre necessárias e possíveis.

### **EV – Gostaríamos de iniciar nossa conversa falando sobre sua formação intelectual.**

JG - Eu fiz graduação em Ciência Política, e literatura da língua alemã, mas minha verdadeira formação veio da militância política, ou seja, com 20 anos já era muito politizado nos movimentos contra a guerra no Vietnã e depois no movimento LGBT,<sup>1</sup> nos EUA. A partir de 1973, assumi minha homossexualidade e uma militância em solidariedade à América Latina. Primeiro, contra a tortura no Brasil e, depois, contra o golpe no Chile, contra a intervenção norte-americana no golpe do Chile de 73. Depois de dois anos de atividades intensivas em solidariedade ao povo chileno, tentando fazer uma ponte entre a comunidade LGBT em São Francisco e a esquerda norte-americana, resolvi conhecer a América Latina. Então, viajei pela América Central, fiquei seis meses na Colômbia e depois entrei no Brasil profundo, através do Rio Solimões. A primeira cidade brasileira que conheci foi Tabatinga, que hoje em dia tem um campus universitário; Manaus; Belém, São Luís e fui descendo, conhecendo o país.

O segundo momento de minha formação política no Brasil é com a militância contra a ditadura militar em São Paulo e, também, como um dos fundadores do movimento LGBT em SP, no Somos - Grupo de Afirmação Homossexual.<sup>2</sup> Dentro do grupo Somos e dentro da esquerda, de novo, fazendo essa ponte entre as ideias, as visões, as expectativas das esquerdas e a realidade dos gays, lésbicas e travestis. Então, essa foi sempre a minha missão. Depois de anos e anos na militância, voltei à universidade para fazer o doutorado em História da América Latina e escolhi a temática da homossexualidade masculina no Brasil, no século XX, na verdade, no eixo Rio-São Paulo, justamente para poder aprofundar uma pesquisa que

---

<sup>1</sup> Sigla utilizada para designar Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

<sup>2</sup> Primeiro grupo homossexual brasileiro, fundado em São Paulo, em 1978. Para uma história do grupo Somos, ver: MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Salvador: EDUFBA, 2018.

até então não existia no Brasil. Uma história social preocupada com a recuperação de versões do passado dos gays, de homens que gostavam de transar com homens ou amavam homens, resultando no meu livro *Além do Carnaval*.<sup>3</sup>

**EV - Em que medida os livros *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século X* (2000) e *Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985* (2009) estão marcados por essas experiências?**

JG - São marcados, primeiro, pelo meu gesto político e subjetivo de assumir minha homossexualidade e tentar fazer a mediação e a relação entre meus desejos, minha vida pessoal, minha vida política e minha condição de norte-americano que vivia aqui no Brasil. Ou seja, eu cheguei ao Brasil no começo da abertura política, quer dizer, a abertura começa em 74 e cheguei em agosto de 76. As pessoas achavam que a abertura ia seguir e que a situação seria cada vez melhor, havia certo otimismo, apesar de todos os obstáculos: eleição de 74, quando o MDB ganha da ARENA; em 75, com a morte de Herzog; em 76, com a morte de Manoel Fiel Filho e; em 77, outras prisões, torturas, mas era um sentimento de que iria melhorar. Cheguei justamente nesse momento de esperança.

Eu já tinha passado pelo momento de 68 nos Estados Unidos, então vivi de 68 a 71 uma politização otimista e cheguei ao Brasil justamente quando estava começando um processo semelhante. Vivi dois 68, dois momentos positivos. Foram, talvez, os melhores seis anos da minha vida, porque sentia que estava vivendo a história, estava consciente de que algo importante estava acontecendo. Quando me lembro do grupo Somos, a gente estava fazendo uma coisa inédita e histórica. Do outro lado, uma certa audácia e falta de controle de me meter numa organização semiclandestina, militar e correr o risco de ser deportado, não preso e torturado, porque acho que estava, talvez, protegido por ser americano. Mas viver e militar no movimento estudantil, no movimento LGBT, foi muito legal.

**EV - Que movimento clandestino era esse?**

JG - Era o Liga Operária, uma organização fundada em 74. Meu namorado entrou na Liga Operária e eu quis entrar também. Ele falou: não pode. Por que não posso entrar? Ele tinha medo de que as pessoas descobrissem que a gente era um casal, pois ele era um gay enrustido.

---

<sup>3</sup> GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: EdUNESP, 2000.

Então, entrei. Esse grupo já estava na transição para se tornar a Convergência Socialista. Durante um pequeno tempo, em 78, esse grupo vai ser o PST [Partido Socialista dos Trabalhadores], mas o comitê central foi preso no congresso clandestino com representantes argentinos, então iniciam o processo de lançar a Convergência Socialista, mas os primeiros contatos eram com a Liga Operária, uma coisa clandestina.

Quando sai do Brasil, em 82, era para seguir essa militância política, então militei nos EUA até 89, fui candidato a deputado federal, tive 5% dos votos válidos. Aqui no Brasil teria sido eleito, mas lá essa cifra não quer dizer nada. Fui dirigente sindical, trabalhei na comunidade centro-americana e mexicana, tudo isso até 89 quando fui percebendo que não teria mais uma revolução rapidamente nos EUA ou na América Latina, então, com 40 anos, não ganhava salário nem nada, não tinha aposentadoria, então resolvi voltar à universidade. Justamente, para poder voltar ao Brasil, porque eu sentia muita saudade, mas tinha certo medo de voltar. Quando voltei para fazer a primeira pesquisa para o doutorado, eu tinha medo de encontrar outra realidade e não ter uma ligação com os amigos como tinha antes, mas foi maravilhoso. Todo mundo me abraçou, estava feliz de me ver, foi um encontro fabuloso.

Bom, a partir desse momento, eu utilizo a academia para poder fazer turismo aqui no Brasil [risos]. Estou brincando, mas é uma maneira de estar sempre aqui. Para mim, que sempre fui uma pessoa consciente das relações desiguais de poder entre Norte e Sul, entre Imperialismo e os países colonizados, era importante se perguntar: qual seria minha intervenção na historiografia? Qual seria meu trabalho? Não para repetir ou roubar, roubando sem citar, como pessoas têm feito. Então, para mim, primeiro se tornou importante realizar esse trabalho sobre a homossexualidade masculina, porque realmente não tinha um trabalho histórico bem feito.

Depois, ao longo dos anos, eu percebi um desconhecimento sobre essa intervenção positiva de poucas pessoas, de americanos em solidariedade com o Brasil e contra a ditadura militar, movimento que conhecia e do qual tinha participado minimamente. Então, achava muito importante contestar essa ideia que EUA é monolítico do ponto de vista político e cultural, pois lá têm esquerdas e setores que foram importantes na denuncia do imperialismo e das ditaduras latino-americanas, daí fiz esse livro [Refere-se ao livro *Apesar de vocês*].

Agora, estou fazendo um livro sobre Herbert Daniel [lançado em 2018], porque de novo percebi que nada havia sobre ele, não dava para ninguém no Brasil, com as condições de produção aqui, fazer. Eu tinha condições, por ser professor titular, de dedicar o tempo

que fosse preciso, não tendo nenhuma pressão acadêmica para produzir o livro, que exigia uma pesquisa muito minuciosa. Tinha que catar fontes de muitos lugares, conquistar pessoas, confiar em mídia, ter de voltar duas ou três vezes para entrevistá-las e a gente conseguir recobrar essa história dele.

**EV – Além desse clima de mais otimismo, em relação ao movimento homossexual nos EUA e no Brasil, quais seriam essas aproximações e esses distanciamentos? Lembro que *O Lampião da Esquina*, já nas últimas edições, entrevistou Guy Hocquenghem, autor do livro *A Contestação Homossexual*, que afirmou que, se comparado ao movimento gay branco de classe média brasileiro, as travestis eram uma revolução. Quais seriam, na sua percepção, as diferenças entre essas experiências homossexuais naquele momento?**

JG - O movimento norte-americano surge em meados de 68 no sentido de um levante juvenil, uma revolta cultural muito forte, onde pessoas se envolvem no movimento de maneira muito viva. As pessoas de classe média e setores populares, aqui no Brasil, no período anterior ao surgimento do movimento homossexual, foram impactadas pelo chamado milagre econômico, que gerou a expansão das classes médias-altas, uma possibilidade de consumo e o aparecimento público da homossexualidade nas boates, nos bares. Essa classe média-alta podia sair de casa, alugar um apartamento ou morar com a família, ter uma quitinete escondida, ter uma vida sexual e parceiros, sem assumir a homossexualidade para a família, mesmo que elas desconfiassem. Eles estavam muito pouco interessados na política, cómodos em sua vida, já podiam viajar aos EUA de vez em quando, com acesso a coisas lá. Então, não estavam muito interessados em uma militância política.

Quem estavam mais interessadas eram as pessoas da classe média-baixa que frequentava os bares, os lugares, mas estava carente de certo apoio. Não recebiam esse apoio em casa, moravam com a família ou com outras pessoas. Então, foi um primeiro momento de muitas conversas e reuniões de autoconhecimento, foi muito importante para as pessoas. Tem que entender que ainda é uma geração que vivia sua adolescência no governo Médici,<sup>4</sup> sem acesso a uma informação politizada. Não são pessoas que faziam parte do movimento estudantil, nem eram politizados em movimentos sociais. Então, os líderes do grupo Somos eram pessoas como João Silvério Trevisan,<sup>5</sup> que havia viajado, ou o Manoel, que foi

<sup>4</sup> Refere-se a Emílio Garrastazu Médici, terceiro presidente do período da ditadura civil-militar brasileira, que governou o país entre 1969 e 1974.

<sup>5</sup> Escritor brasileiro, fundador do Somos e do jornal *Lampião da Esquina*. Trevisan é autor de *Devassos no Paraíso*, obra fundamental sobre a história das homossexualidades no Brasil. Cf: Trevisan, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo: Objetiva, 2018.

namorado dele, um intelectual que fazia doutorado em Matemática, pessoas que tinham acesso a informação e a uma vida intelectual.

Muitas pessoas participavam do grupo sem recursos, sem possibilidades e com muitos desafios. Isso foi muito difícil para o movimento, conseguir um lugar para reunião era muito difícil, poucas pessoas tinham casas que podiam receber mais de dez pessoas. Uma vez, tentaram alugar salão de festas em condomínio, causando confusão pela resistência da vizinhança. Às vezes, os teatros emprestavam espaço para reuniões nos sábados, foi bem difícil. Em 81, quando houve uma divisão no Grupo Somos, tentamos alugar um local ou sede, mas a gente não tinha fiador, ninguém tinha propriedade no movimento. Fomos falar com Penteadó,<sup>6</sup> que cumpriu papel importante no movimento, que se recusou a ser fiador, inventando algum pretexto. Terminamos por encontrar uma lésbica que nos emprestou um lugar. Infelizmente, eu não sei o nome dessa lésbica, ele mereceria registro. Ela topou ser fiadora para o grupo e a gente conseguiu ter um primeiro local do movimento no país, na Rua da Abolição, em São Paulo, no Bexiga.

#### **EV – Nome muito significativo, Rua da Abolição.**

JG – Totalmente. Fui eu que estava passando, cortando o caminho para a minha casa, vi “alugar” e fomos lá procurar. Mas foi um problema enorme pagar o aluguel, ninguém tinha muito dinheiro, não tinha uma tradição de organização, todo mês tinha que se organizar uma festa para arrecadar dinheiro. Era um saco, porque ninguém tinha carro para buscar a cerveja, tinha que se fazer caipirinha, inventar um som, era muito precário nesse sentido, não tinha ONGS para apoiar, foi muito difícil.

Porém, ao mesmo tempo, em 80, entrou uma nova geração de ativistas que eram pessoas de movimento estudantil, que não se sentiam alienadas pela situação da esquerda, começa a fundação do PT [Partido dos Trabalhadores], os movimentos sociais, as grandes greves de 78 a 80. Eram pessoas sem preconceito contra a esquerda, que não tinham um discurso anti-esquerda, libertário, anarquista, contra o poder. Nesse momento do movimento, o grande problema também foi essa questão econômica, porque o Brasil sofre uma recessão muito grande de 82 para 83, com muito desemprego. Então, muitos não tinham

---

<sup>6</sup> Refere-se ao artista plástico Darcy Penteadó (1926-1987), um dos colaboradores do jornal *Lampião da Esquina*.

como sobreviver, estavam tentando conseguir emprego e outros cansaram desse trabalho de militância sem ganhar nada, deixaram estudos ou empregos.

A partir de 1983 o movimento entra em declínio e onde se manteve o movimento foi justamente com pessoas que tinham certos recursos, como na Bahia, onde o Luiz Mott<sup>7</sup> tinha uma situação financeira definida e o João Antônio Mascarenhas,<sup>8</sup> que tinha um bom emprego, apartamento e recursos. O grupo Triângulo Rosa do Rio de Janeiro e o Grupo Gay da Bahia (GGB) foram os grupos que se mantiveram ao longo dos anos 80, com inflação galopante, dificuldades de organização e confusão política. Só no final dos 80 começam a ser articulados novos grupos que começam a crescer num segundo momento do movimento.

### **EV - Quando é criado, por exemplo, o GRAB – Grupo de Resistência Asa Branca, em Fortaleza...**

JG – Exatamente. E outras organizações nesse segundo momento, mas que não conseguiram se manter. Termina o jornal *Lampião da Esquina em 1981*, foi uma desmoralização quando ele fecha e, realmente, poucas pessoas tinham uma experiência de militância e sabiam serem líderes. Houve todo esse processo, entre 61 e 64, das igrejas, da ação popular, do movimento de base da igreja católica que atuaram na formação de líderes. Mas, depois veio o AI-5, a esquerda clandestina e homofóbica, então não houve escolas de formação para pessoas que poderiam saber como fazer uma organização. Então, a AIDS ajudou muito, porque o movimento percebeu, com recursos do governo, que podia combinar prevenção e formação de pessoas para sustentar os grupos. De repente, recursos para AIDS serviam para ter um local, manter um grupo e, assim, os grupos crescerem muito a partir de 91, 92 e 93. Até que se fundou a ABLGBT<sup>9</sup>, em 95.

### **EV – E na vivência da homossexualidade naquele período, que diferenças você percebe entre Brasil e EUA?**

JG - Eu vivia e assumi a homossexualidade na Filadélfia, onde tinha o centro da cidade, um lugar de pegação ligado aos bares. Todo final de semana ia a um bar, depois saía pelas ruas

---

<sup>7</sup> Fundador do Grupo Gay da Bahia, o antropólogo Luiz Mott protagonizou importantes lutas do movimento homossexual brasileiro, como a despatologização da homossexualidade e a denúncia pública de crimes homofóbicos.

<sup>8</sup> Pioneiro do ativismo homossexual no Brasil, João Antônio de Souza Mascarenhas (1927-1998), foi um dos fundadores do jornal *Lampião da Esquina* e do grupo homossexual carioca Triângulo Rosa.

<sup>9</sup> Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais.



conhecendo as pessoas. Todo mundo tinha um apartamento, você podia levar um companheiro à sua casa ou à casa da pessoa para transar, então não era complicado. Nunca tinha entrado em motel para transar, imagina. Porque as relações familiares nos EUA são mais débeis, as pessoas têm certa obrigação de se virar com 20 anos, mesmo não sendo expulso da casa das famílias. Você termina a universidade e já tem sua independência, então isso é uma coisa normal, era muito difícil para um jovem morar com a família naquela época. Hoje, com as crises econômicas, as pessoas vivem mais, mas o comum foi se sair de casa, arrumar sua vida bem jovem. Aqui não, você fica na sua casa até que case. Se você é gay, muitas vezes, é o filho que vai ajudar a mãe ou sustentar a casa dos pais. Aqui é o contrário, a família não quer que você saia de casa. Então, as possibilidades de transar eram mais limitadas, por isso a opção por transar em motéis ou nos espaços públicos etc.

Nos EUA existia a paquera da rua, mas aqui tem uma coisa diferente. A paquera é mais intensa, você anda na rua olhando para a pessoa nos olhos, se é hétero, fica constrangido e olha para baixo, se é gay, continua olhando, anda mais vinte metros e olha para trás. Quem vai primeiro falar com o outro, vira e fala: oi, tudo bem, como vai, o que você está fazendo? E rola assim uma transa. Isso existia nos EUA, mas é diferente aqui. Acho que pela clandestinidade, eram códigos elaborados para se comunicar com outras pessoas dessa maneira ou outra.

Outras coisas aqui já eram fruto da influência americana: a cultura das discotecas, dos meninos de classe média que se vestiam bem para no sábado sair com os amigos, isso era familiar para mim, não era muito diferente de lá. Também tem o mundo popular, que eu desconhecia, pois é difícil ter acesso a esse mundo e conhecer as pessoas. A pegação nos cinemas, ainda nos anos 70-80 foi uma coisa muito importante, ocorria nos grandes cinemas do centro das cidades, já em decadência, porque se tornaram lugares considerados de segunda ou terceira categoria. A pegação nos banheiros públicos era uma coisa que existia muito aqui, havia nos EUA em um dado período, mas não tem mais não. Não era comum quando me assumi nos EUA, em 73, mas já existia uma cultura de banheiros nos anos 50-60.

No Brasil, o carnaval também é um momento privilegiado para as práticas homossexuais. Tem a Parada Gay hoje em dia, mas carnaval sempre foi historicamente uma coisa bem espontânea e bacana, que gosto muito, então isso talvez se apresente para mim diferente do que vivi nos EUA.

Outra diferença importante aqui: o número de pessoas com identidade heterossexual que transam com homossexuais. Adotando uma estrutura bem binária da identidade, o cara

vai te comer, não pode beijar nem tocar no cu dele. Isso quase não existia nos EUA, só entre pessoas que gostavam de marinheiros, em certos lugares, mas não é como aqui. Isso é uma coisa que me custa muito entender. Esse fenômeno é bem diferente. O que se assemelhava a essa prática, era o que eu via na pornografia norte-americana, pessoas que trabalham com soldados, recrutando jovens que são do exército ou marinha, e transam. Para mim, fica evidente que essas pessoas que se consideram hétero, sentem desejo por outra pessoa do mesmo sexo e tem vontade de chupar um pau, tocar uma punheta.

**EV – Pensando na construção da igualdade, inclusive na etnografia feita com o grupo Somos [que resultou no livro *A construção da igualdade*, de Edward MacRae], não sei se você estava no grupo naquele momento...**

JG – Estava naquele momento, houve um debate muito grande e havia pessoas contra ele fazer essa antropologia. Eu achei fabuloso, porque tinha que registrar esse momento. Entre as pessoas a favor do registro, você me encontra.

**EV – Esse modelo hierárquico bicha/bofe era uma preocupação desse primeiro grupo de homossexuais que pensavam um novo lugar para os homossexuais no Brasil?**

JG- Eu acho que as pessoas vão saber articular teoricamente dessa maneira, mas de fato tinha dois tipos de pessoas no grupo que, independentemente de ser ativo ou passivo, procuravam pessoas mais ou menos masculinizadas ou um pouco mais afeminadas, não os muito afeminados. Tinha outras pessoas no grupo muito afeminadas que procuravam companheiros dentro do grupo e, suponho, arranjaram quem não tinha identidade gay.

Não convivi com Néstor Perlongher,<sup>10</sup> mas tem um livro em que ele dizia que se sentia bem transando com michê. Tinha pessoas do grupo que iam às saunas, que na época não tinha michês. Anos depois, alguém me levou a uma sauna e era uma coisa louca. Quando fui para a sauna, já eram outras pessoas, sentava lá no vapor e encontrava alguém para transar. Quando voltei, era realmente prostituição, você pagava para transar com outra pessoa. Então, isso mudou muito e acho que o Rio de Janeiro e São Paulo é um pouco diferente de outras

---

<sup>10</sup> Poeta e antropólogo argentino, Perlongher é autor de *O negócio do michê*, etnografia pioneira sobre a prostituição viril no Brasil. Cf: PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

realidades. Conheci outras partes do país, mas vivia basicamente em São Paulo e Rio, com outros comportamentos. Vivi na zona Sul do Rio e na Consolação, esse pedaço de SP que não era periferia, mas com outros tipos de comportamento e convivência.

**EV – O livro *Além do Carnaval* foi importante para nós, historiadores, que até então não discutíamos essas questões no Brasil. Quais foram suas dificuldades com relação às fontes, à metodologia?**

JG – Eu ia fazer um livro diferente, o projeto inicial era fazer uma comparação entre os grupos [homossexuais] brasileiro e argentino. Em 93, passei semanas em Buenos Aires, comecei a fazer entrevistas e quando voltei, em 94, para fazer a pesquisa no Brasil, estava muito nervoso: será que vou encontrar material?

Por sorte, tenho um grande amigo que trabalhava lá nos arquivos do Estado de São Paulo, o Lauro Pereira. Fazendo o *tour* no arquivo, ele falou: a gente tem a coleção do Sanatório Pinel, relatórios de casos dos anos 30 até 44. Procurava exemplos de homossexualidade nos prontuários e encontrei dez casos. Meu trabalho era qualitativo, então, literalmente, sem *iPhone* ou qualquer coisa, ficava consultando pasta por pasta, eram mil e trezentas pastas. Muito material. Você começa a ver muita coisa. O primeiro [caso] que achei foi de um padre alemão que estava aqui no Brasil, assediava meninos e foi mandando pela igreja para São Paulo. Começo um dos capítulos [do livro *Além do Carnaval*] com um casal dos anos 30 que se conhece, um é dono de uma escola com a irmã, mas larga a irmã para fazer essa escola com seu companheiro. A família descobre e o condena ao hospital. Tem cartas que ele escreve para seu companheiro que estão em seu relatório, eram muito bonitas. Nesse momento, todos os pesquisadores já sabiam da minha pesquisa, porque eu era muito assumido. Comecei a ler o prontuário, a pedir ajuda, com quinze pessoas em volta ouvindo essa história absorvente, o que ele passou no final quando saiu, será que voltou com seu companheiro ou não? Isso me deu a indicação de que era possível encontrar material social sobre as pessoas. Um dos problemas em se estudar a homossexualidade é que, como não havia leis diretamente reprimindo a sua prática, é muito difícil encontrar documentação do Estado, da repressão. Pessoas eram presas, tinham que pagar suborno para sair, mas não tem nada registrado.

Depois, peguei pistas com o Instituto Médico Legal, que foram importantes. Imagens dos frescos do começo do século XX. Por sorte, encontrei imagens que foram indicações das ligações entre a realidade e certo conhecimento popular sobre essa vida no Rio de Janeiro e em São Paulo. Outras pessoas me ajudaram, motivadas pelo desejo da solidariedade à minha

pesquisa. Então, o grande desafio, como estava sozinho, não tinha uma equipe de pesquisadores ou alunos que iam pegar, por exemplo todos os números do jornal *Última Hora*, de 52 a 66, para encontrar menções da homossexualidade. Então tinham que percorrer página por página para encontrar todas as referências. Eu não tinha tempo, não tinha dinheiro, com bolsa reduzida, tinha que terminar minha pesquisa rápido e estava ansioso para conseguir um emprego. Fiz uma pesquisa de seis, sete meses aqui no Brasil e escrevi rapidamente a tese de doutorado, que defendi para depois começar a minha carreira como professor universitário.

### **EV – Foi feito em que universidade?**

JG – Na UCLA, Universidade da Califórnia, em Los Angeles.

### **EV – Quem foi seu orientador?**

JG – José Moya, que é um pesquisador muito conhecido na área de história da imigração a Argentina. Originalmente entrei na UCLA para trabalhar com Bradfor Burns, um professor especialista no Brasil, mas ele faleceu no meu segundo ano e não tinha orientador. Moya generosamente me aceitou como um aluno dele. Como eu já era uma pessoa muito mais madura e esclarecida nas questões, fiz meu doutorado em três anos e meio. Escrevi minha tese-livro em seis meses, consegui terminar numa sexta-feira, comecei a dar aulas segunda-feira, dando três matérias por semestre no primeiro ano, com aquela energia que tenho.

Fiz o primeiro livro *Beyond Carnival*, que seria traduzido com o título *Além do carnaval*, porque para mim era muito importante incentivar a produção brasileira sobre o tema. Então imediatamente fiz tudo para ele fosse publicado em português. Isso era fundamental. Também queria uma editora acadêmica para mostrar que é possível fazer esse tipo de trabalho na universidade. Fiz um esforço de colaboração com brasileiros. Por exemplo, editei um número de numa revista onde o historiador Durval Muniz publicou um dos artigos mais inteligentes sobre homossexualidade no Brasil.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.; CEBALLOS, R.. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In: Mônica Raisa Schpun. (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 129-150.

Fiz mais três ou quatro projetos de livros que, hoje em dia, teria feito de maneira diferente, mas sempre com um brasileiro como colaborador: *O homossexualismo em São Paulo*,<sup>12</sup> *Frescos Trópicos*,<sup>13</sup> uma coletânea de fontes sobre a história de homossexualidade masculina no Brasil no século XX e *Homossexualidade e a ditadura brasileira: Opressão, resistência e a busca da verdade* com Renan Quinalha,<sup>14</sup> que foi ligado a um capítulo do relatório final da Comissão Nacional da Verdade, que nos escrevemos<sup>15</sup>.

**EV – E a bibliografia sobre as homossexualidades, que você publicou no *Cadernos AEL*.**

JG – Sim, co-organizado com a antropóloga Sonia Maluf e com a participação importante de Marisa Fernandes, uma militante história do movimento de lésbicas-feminista. O volume é uma coletânea sobre o movimento LGBT no Brasil.<sup>16</sup> Passei muito tempo incentivando que mulheres fizessem a história das lésbicas, que ainda é lacuna muito séria. Uma ficou em minha casa, nos EUA, seis meses. Eu orientando ela e outra pesquisadora, tentando que elas fizessem esse trabalho, enfim, porque era um compromisso com o Brasil, com feminismo e com as minha amigas lésbicas.

Além disso, tive uma preocupação de fazer muita colaboração, ajudando o máximo as pessoas, fazendo livros conjuntos, buscando a internacionalização da produção brasileira, proporcionando mais acessos à vida acadêmica americana. Nossa política na Brown University é muito clara: incentivar, principalmente, afrodescendentes brasileiros e pessoas trabalhando sobre a negritude no Brasil. Tenho recebido dezenas de brasileiros. Enfim, há toda uma preocupação não somente com a questão LGBT ou da esquerda, mas de como criar laços internacionais que não reproduzam hierarquias imperialistas.

**EV – Em 2018, será lançado o seu novo livro.**

---

<sup>12</sup> GREEN, James e TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005.

<sup>13</sup> GREEN, James e POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: Fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2006.

<sup>14</sup> GREEN, James e QUINALHA, Renan. *Homossexualidade e a ditadura brasileira: Opressão, resistência e a busca da verdade*. São Paulo: Editora da UFSCar, 2014.

<sup>15</sup> GREEN, James e QUINALHA, Renan. Homossexualidades, repressão e resistência durante a ditadura. In: Comissão Nacional da Verdade. (Org.). *Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade*, Vol. 2. Brasília: Comissão Nacional da Verdade, 2014, p. 289-302.

<sup>16</sup> GREEN, James e MALUF, Sônia. Homossexualidade: sociedade, movimento e lutas. *Cadernos Edgard Leuenroth*, 18/19, Campinas, 2003.

JG – Que tem o título *Revolucionário e gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel*. Estou apaixonado pelo título.<sup>17</sup>

**EV – Quando você se interessou pelo Herbert e em que medida a trajetória dele se aproxima e/ou distancia daqueles primeiros grupos?**

JG – Foi interessante, porque na verdade, quando estava fazendo *Apesar de Vocês*, que também levou muito tempo, pois sou muito cuidadoso com as fontes e eu não preciso correr para fazer um livro. Essa questão de ficar indo e vindo, quando venho ao Brasil, faço mil coisas, não só pesquisas no arquivo, mas visitando pessoas, criando laços, organizando conferências. Então, estava entrevistando um ex-presos político, Ivan Seixas, que me contou uma história superinteressada sobre dois presos que na luta armada tiveram um caso e foram marginalizados na prisão. Isso resultou em um artigo que adoro, *Quem é o macho que quer me matar?*<sup>18</sup> Daí descobri Herbert Daniel. Então, usei, nesse texto, passagens de coisas que ele tinha escrito, como parte da argumentação do artigo. Demorei a publicar esse artigo também, porque era complicado.

Um dia, comentando sobre a pesquisa, a historiadora Denise Rollemberg diz: ‘por que você não fala com a mãe dele? Ela mora em Minas Gerais’. Deu o telefone e liguei para ela: ‘estou querendo entrevistar a senhora, é sobre seu filho.’ Ela aceitou ser entrevistada e comprei uma passagem, no outro dia fui a Belo Horizonte. Entrevistei ela durante três horas e duas coisas aconteceram. Primeiro, no meio da conversa, ela pergunta ao seu filho, o irmão de Herbert, o nome da namorada dele. Falou em Laís, então peguei o nome dessa pessoa que era a melhor amiga dele no colégio e estudou medicina com ele. Fui à Escola de Medicina e me atenderam muito bem lá, encontraram essa pessoa e liguei para ela que, por sorte, aceitou ser entrevistada. Ela contou coisas maravilhosas sobre ele, eram amiguíssimos. Então, já tinha uma versão da infância dele, da mãe, que dizia: faça o livro sobre ele, é uma pessoa esquecida. Ela sentia muito amor por ele. Depois, com Laís consegui recompor a história sobre a adolescência dele.

Já tinha feito contato com duas guerrilheiras que participaram da luta armada com ele, então era a questão de acompanhar as dezoito vidas dele, porque são dezoito capítulos,

---

<sup>17</sup> O livro foi lançado no Brasil, no segundo semestre de 2018. Ver: GREEN, James. *Revolucionário e gay: A vida extraordinária de Herbert Daniel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

<sup>18</sup> Cf: GREEN, James. “Quem é o macho que quer me matar?”: Homossexualidade masculina, masculinidade revolucionária e luta armada brasileira dos anos 1960 e 1970. *Revista Anistia Política e Justiça de Transição*, Ministério da Justiça, n. 8, (jul. / dez. 2012), 2012, p. 58-93.

e recuperá-las. Ele tinha tendência a estabelecer laços muito fortes com mulheres, amigas de confiança e, como a vida dele era muito maluca, morando na clandestinidade, fugindo da repressão, vivendo no exílio em Portugal e na França, ele tinha que abandonar as suas amigas, mas vão surgindo outras. Cada uma delas tem uma ideia sobre sua vida, mas nenhuma das pessoas que entrevistei sabiam inteiramente da vida dele. Ele escrevia sobre o seu passado, contando algumas coisas, mas deixava muitas lacunas. Então tinha que recuperar essa vida.

O mais difícil foram os períodos de clandestinidade, os oráculos da história, mas consegui mais ou menos recobrá-los naquele período e depois fazer uma narrativa não celebratória demais, mas eu tinha grande gratidão e identificação com ele. O livro peca por isso, talvez, a biografia pudesse ser mais crítica. Daniel viva um desafio: ser da esquerda e homossexual assumido, e cobrar da esquerda uma posição não preconceituosa sobre o tema.

O episódio mais feliz aconteceu no final da pesquisa. Eu queria entrevistar a Dilma,<sup>19</sup> porque sabia que ela conhecia bastante ele. Eles militavam juntos em Minas Gerais entre 1967 e 68 e conviveram na clandestinidade no Rio em 1969, mas não tinha como ter acesso a ela quando ela era presidenta. Depois do golpe contra a democracia,<sup>20</sup> quando ela foi afastado da presidência, tive a sorte de estar no Brasil quando organizaram um evento de Historiadores pela Democracia em Brasília.<sup>21</sup> Você estava comigo [refere-se a Durval Muniz]. Quando terminou os discursos dos historiadores presentes, eu falei com ela: ‘estou fazendo um livro sobre Herbert Daniel.’ A única coisa que ela queria fazer naquele dia era falar comigo sobre isso. Fiquei constrangido, não queria ser o gringo dominando a cena. Entreguei o manuscrito a ela, ela o leu mesmo e me deu uma entrevista maravilhosa.

Na realidade, há partes da vida dele que não tive acesso, e a biografia sobre ele é uma história incompleta. Se eu tivesse ficado mais dez anos pesquisando podia ter conseguido completar um pouco mais, mas foi bem legal a participação de Dilma nessa história. Ele assume a homossexualidade para ela em 67-68 e se apaixona por um companheiro da organização. Ele pede conselhos a Dilma, que disse para falar com a pessoa. Então, ele faz

---

<sup>19</sup> Refere-se à presidenta Dilma Rousseff.

<sup>20</sup> No dia 31 de agosto de 2016, após um longo processo que se iniciou na Câmara dos Deputados e se encerrou com a votação final no Senado Federal, a presidente Dilma Rousseff foi afastada definitivamente de suas funções de presidenta da República, através de um processo de impeachment, que se baseou em acusações frágeis e juridicamente questionáveis, num claro atentado contra a normalidade democrática e constitucional do país, perpetrando uma nova forma de se protagonizar um golpe contra as instituições, a exemplo do que já havia acontecido anteriormente no Paraguai e em Honduras.

<sup>21</sup> Ele se refere a um encontro promovido pelo movimento Historiadores pela Democracia, entre representantes do movimento e a presidenta Dilma Rousseff, no Palácio da Alvorada, no dia 07 de junho de 2016, para demonstrar o apoio dos historiadores brasileiros a continuidade da normalidade democrática e ao respeito as decisões do voto popular.

isso e o cara diz que gosta muito dele, são muitos amigos, mas não dava. Ele fica arrasado, volta à Dilma, que o consola, o abraça e ele não aguenta, pensa em se matar, por tanto desespero em ser homossexual nesse momento. Depois, entra na luta armada: isso vai ser minha vida, ele pensa, vou me comprometer com a revolução.

**EV – Mas não é outra forma de se matar?**

JG – Não sei. A resposta é complicada. Porque durante esses quatro anos de guerrilha, ele se apaixonou direto por vários companheiros. As pessoas me contaram: ele tratava um ou outro menino de maneira muito exagerada, ajudava muito, escolhia pessoas para fazer outras atividades, ele se apaixonou por militantes da organização. Por exemplo, ele se apaixonou por um simpatizante da organização e mandou uma carta de amor para ele. O outro gostava de Daniel e o recebeu como grande amigo. Mesmo quando a mãe do menino descobre a carta e fica desconfiada, esta simpatizante manteve o relacionamento com Daniel. Herbert Daniel era uma pessoa muito humana, doce, que gostava de ouvir, era muito culto. Sabia de cinema e literatura, então os intelectuais da luta armada gostavam de conversar com ele. Marcava pontos para conversar sobre cinema italiano, o último livro que tinham lido, então era uma pessoa muito complexa. Ele reprimiu a homossexualidade dele durante o seu tempo militando na clandestinidade, mas ele se sentia muito feliz neste momento na vida dele. Entrar na luta armada não foi um ato de suicídio. Foi um ato de acreditar nas possibilidades de lutar contra a ditadura e transformar a sociedade brasileira.

Quando eu fiz a biografia, tem um grande problema, você tem que entrevistar as pessoas, mas se você mostra essa obra para elas, nunca vai terminar seu livro. Ninguém vai sair satisfeito. Fui cuidadoso ao só mostrar capítulos eventuais, queria evitar erros. Só Dilma leu todo e falou que realmente eu consegui retratá-lo, que reconheceu seu amigo no livro. Quando ela falou isso, fiquei mais tranquilo, porque talvez outros não vão reconhecer, no livro, seu filho, seu irmão, mesmo com as palavras dele sobre eles. Tudo é baseado na palavra dos outros e nas minhas leituras sobre essas coisas.

**EV – Claro. Você falava do quanto se preocupou em fazer essas interlocuções, ainda mais com o movimento epistemológico, dos estudos pós-coloniais, subalternos. Toda essa experiência de pesquisa e de vivência, de estar ensinando História do Brasil nos EUA. De que modo isso transformou sua maneira de escrever história?**

JG – É um grande desafio. A primeira aula de história do Brasil sempre é maravilhosa. Todo mundo tem que falar algo que sabe sobre o Brasil e não pode repetir. As pessoas, mesmo



nervosas, falavam: Copa mundial de 2014, Olimpíadas de 2016, depois, quando chega a décima terceira pessoa, já não sabem o que falar, porque já disseram que se falava português ou da selva Amazônica. É um desconhecimento total. Mesmo as pessoas cultas, sabe? Você começa do zero.

Uma vantagem, você está criando uma narrativa sobre a história do país que vai influenciar muito na maneira como eles vão entender o país. Então, isso é um desafio, mas é um desafio para meus livros também. Eu escrevo para vários públicos, não é um livro em inglês e outro livro em português. Escrevo muito consciente de que falo para quatro ou cinco públicos alvos: o público americano, dos meus colegas, porque tem que ter certa qualidade no trabalho; os alunos, que quero que compreem e leiam o livro; quero que os professores usem esse livro em sala de aula; pessoas LGBT que não sabem sobre o Brasil e especialistas que não sabem nada sobre o mundo LGBT, então são quatro públicos americanos.

No Brasil, são os públicos brasileiros LGBT que não têm a ver com a história, e historiadores que trabalham muito a teoria. Eu não trabalho muito a teoria, porque acho inacessível para as pessoas. Não critico quem faz isso, mas não é minha praia. Trabalho mais as fontes e encontro narrativas gostosas que vão envolver bastante as pessoas. Dialogo com a esquerda, no caso, em todos os livros; com o público LGBT e meus pares acadêmicos, para ter um trabalho de qualidade, que se sustente ao longo do tempo.

Também tem o historiador Thomas Skidmore na mente quando escrevo. Eu estou no lugar dele na Brown University. Ele se aposentou, e a universidade fez vários concursos até eu entrar no lugar dele e fui honrado de ser o procurador jurídico das obras dele no Brasil e de manter a obra dele. Faleceu o ano passado. Sou muito ligado à família dele. Skidmore foi o primeiro historiador americano que tentou fazer uma história mais ampla sobre o século XX, quando a maioria dos historiadores falava sobre o período colonial ou sobre o século XIX e ele fez uma coisa nova. Tem problemas com a narrativa dele sobre Vargas, mas era coisa nova, usava muitas fontes jornalísticas e ele conseguiu fazer um outro livro importante sobre a ditadura. Foi conhecido como uma pessoa de visão ampla sobre o país.

Não é o tipo de produção que temos de fazer, hoje, nos EUA. Já existem livros didáticos sobre o Brasil. Inclusive, vou atualizar um livro didático dele sobre história do Brasil. Terminei de co-organizar, agora, um livro *The Brazil Reader: History, Culture and Politics*, que tem 120 fontes sobre história do Brasil: da carta de Pero Vaz de Caminha até o discurso de posse da presidenta Dilma, para usar em salas de aula nos EUA.

Para mim, é mais importante pensar como um gringo, como nós americanos, principalmente, podemos atuar para fazer mais conhecido o Brasil no exterior. Qual é a área que devo pesquisar? Posso fazer uma intervenção na produção historiográfica? Para alguns temas as condições não são dadas para um brasileiro ou uma brasileira fazerem um determinado trabalho. Por exemplo, não é para eu fazer um trabalho sobre o Nordeste, porque já tem pessoas, inclusive, nos EUA, que fizeram esse trabalho e fiquei muito preocupado se iriam reproduzir tudo o que foi feito.

Por exemplo, uma vez fui duro em um parecer sobre um manuscrito, falei: olha, valoriza o que tem sido feito no Brasil e faz coisas diferenciadas em inglês. Para não roubar mesmo. Sempre procurar o que posso fazer, qual seria minha intervenção. Acho isto é o caso do no meu próximo livro *Geração 77*, sobre São Paulo, no processo de democratização, onde quero pegar sete personagens e escrever sete capítulos sobre este momento. Vou fazer uma coisa bem cabalística [risos]. Vou pegar pessoas que não estão sendo retratadas na história: lésbicas, negros, mulheres, etc.

Meu último livro seria uma obra exigente. Quero voltar ao Rio de Janeiro, a capital do Segundo Reinado, para entender o espaço em volta da Praça Tiradente no centro da cidade. Quero entender muito mais essa convivência entre alta sociedade, a família real, as prostitutas, os frescos, os atores, os vendedores, populares, tentar fazer uma história social urbana desse centro da cidade, da Praça Tiradentes, entendendo como conviviam e não conviviam esses setores sociais. Não sei se vou conseguir fazer esse livro, é uma fantasia. Quero fazer uma história íntegra, mostrar que os homossexuais, as lésbicas, os travestis podem ser inseridos na narrativa nacional. *Além do Carnaval* provocou a compreensão que existe uma história a ser contada e inserida na narrativa nacional. Alguns fazem isso, os professores mais iluminados, não somente os gays e lésbicas. Quero fazer uma obra realmente clara sobre a história urbana, desse setor que convivia e tinha um entendimento sobre essa cidade, o capital, durante esse período.

[ ...] quando fiz “Além do Carnaval”, a minha fantasia era ver vinte outras pessoas fazerem o mesmo tipo de estudo sobre Salvador, Recife, Manaus, Belém. São coisas muito parecidas e muito diferentes, porque Rio de Janeiro e São Paulo eram as maiores zonas de atração para os homossexuais. As pessoas saíam de suas cidades para ir para essas duas cidades, mas Belém do Pará com certeza tinha práticas muito parecidas, a mesma coisa em Manaus também, em Fortaleza. Quando tinha dez bares gays em SP, tinha três bares no

Ceará, mas existia uma praça Tiradentes para pegação, praça não sei qual, banheiros públicos como no Rio, práticas eróticas nas praias.

**EV – Porque tem a coisa também dos discursos circularem nos meios de comunicação. Por mais que uma série de coisas fosse proibida, um filme exibido em São Paulo também era exibido em Fortaleza; obra publicada que repercutia também nos jornais de Fortaleza.**

JG - Nos anos 30, por exemplo. O senhor mais velho que eu entrevistei imitava uma atriz de cinema norte-americana e veio para o Rio de Janeiro trabalhar, porque sabia que o espaço era maior. Então, tem muito trabalho a ser feito. Infelizmente, são poucos os professores com experiência de orientar esta temática. Há um problema sério na produção acadêmica que são os prazos limitados, a necessidade de correr, de entrar no programa de doutorado antes do mestrado acabar, fazer doutorado em três ou quatro anos com todas as dificuldades. Então, tem que ter uma pessoa muito disponível para fazer uma coisa de boa qualidade. Não é que os brasileiros não são capazes de fazer, mas as condições são precárias. Espero que o livro os inspire. Vou fazer uma nova edição ampliada do Além do Carnaval, que vai sair ano que vem também. Espero que circule conhecimento dessas obras e gere outros filhotes. Apostei em vários indivíduos.

**EV – A gente percebe o quanto sua trajetória enquanto historiador está ligada a uma série de questões que você vivenciou e vivencia, sua participação nos movimentos homossexuais, militância contra a ditadura e, agora, a denúncia internacional do golpe, com apoio à Dilma. A partir desse engajamento, dessa ética, quais os desafios da história e do historiador?**

JG – É uma bela pergunta. Acho que, infelizmente, o golpe de direita e centro-direita que está no poder vai ficar por muitos anos. A possibilidade de ter um governo de centro-esquerda com projeto progressista no Brasil vai demorar. Acho que em 11 ou 13 anos, com duas campanhas presidenciais com pessoas eleitas não favoráveis a classes populares, acadêmicos, estudantes, etc. Não queria que fosse assim, pois pessoalmente sou muito otimista. Acho realista, porque a esquerda cometeu muitos erros, ainda não é capaz de fazer autocrítica. A mídia é tão dominante que fez uma lavagem cerebral. As esquerdas não criaram novas gerações de líderes fortes, então vai demorar muito para se recuperar. Porém o Brasil é um país difícil de prever, porque não se sabe o que vai acontecer amanhã e pode ter reviravoltas imprevisíveis, como a morte de Tancredo Neves, milhares de exemplos. Sempre brinco, imagina um grupo de pessoas no Rio de Janeiro, em 1807, falando sobre Maria Louca

e Dom João como figuras remotas, no outro ano estão recebendo a Rainha e o Príncipe Regente e a cidade se torna a sede do Império Português.

As pessoas têm que ser conscientes, que não será numa resistência de um ano, que as coisas vão mudar, que logo o Temer vai cair, depois com eleições diretas e que vamos eleger o Lula de novo ou outra pessoa da esquerda. Vai ser uma resistência louca. Isso para quem está envolvido. É como enfrentamos esse problema na minha terra, com o Trump.<sup>22</sup> Não vai ser fácil derrubar esse fenômeno, porque é global, da direita consolidada em tudo quanto é lugar. O que descobri na campanha de solidariedade com o Brasil contra o *impeachment* foi: coletamos mil assinaturas de acadêmicos fora do Brasil muito rapidamente. Era um sentimento muito forte de solidariedade com o Brasil, entre os professores que ensinam estudos latino-americanos. Então, diria que 90% das pessoas que procurei assinaram na hora e ficaram muito preocupados com a situação. Mas houve um setor que me surpreendi de não querer criticar o processo do Lava-jato hegemônico, ficando neutro na situação atual do país. Isso me assustou, porque como vai ficar neutro em um golpe, onde há o desmantelamento de todas as conquistas, implementação de projetos neoliberais que vão acabar com a possibilidade das universidades. Não somente pela crise econômica desse momento que estão cortando o orçamento, mas há uma política do Estado, das forças que estão no poder e vão estar no poder. Então, fiquei muito triste de ver inclusive pessoas que conhecia e confiava sem serem solidárias com o Brasil. Foi uma decepção.

Do outro lado, especialmente a visita do Jean Wyllys no ano passado aos Estados Unidos, uma pessoa que valorizo demais, espetacular e, depois, com a vista da Presidenta Dilma, consolidamos uma experiência de trazer pessoas aos EUA para falar nas universidades e foi muito feliz, um êxito. A presidenta foi muito bem recebida, ninguém criticou ou vaiou. Ela não foi maltratada em momento nenhum. Foi muito respeitada. Era uma curiosidade tanto entre os brasileiros nos EUA, das pessoas que se interessam pelo Brasil e outras pessoas curiosas, que não conhecem muito sobre a realidade brasileira. Isso foi bom, só de consolidar a opinião de várias pessoas que claramente, não só pelo discurso progressista, mas por serem de fato progressistas. Então, esse foi muito positivo. Agora, temos que ser criativos para saber quais são os próximos passos, que coisas poderemos fazer para avançar essa solidariedade internacional, independentemente das colaborações normais entre acadêmicos brasileiros e norte-americanos, recebendo pessoas, organizando simpósios internacionais e reuniões da Associação de Estudos Brasileiros (BRASA) - que vamos realizar

---

<sup>22</sup> Refere-se ao presidente dos EUA, Donald John Trump.

no Rio em 2018 e no Texas em 2020. Essas maneiras de intercâmbio mais regulares entre acadêmicos, independentemente da nossa visão política. A luta continua.

**EV – A história como uma produção do passado tem todo o significado no presente. E o historiador, diante de todas essas lutas?**

JG – Vou falar sobre o Brasil generalizando, sabendo que cada um é diferente e tal. Em geral, as pessoas que se envolvem com o Brasil passam por uma mudança subjetiva ao contatar com um professor maravilhoso que fez um curso e ficou encantado ou fez um trabalho e ficou interessado ou uma pessoa fascinada com os movimentos populares daqui, os movimentos sociais, o MST ou o movimento negro. Às vezes, por acaso tinha um brasileiro que fazia intercâmbio no colégio no Estados Unidos ou um americano que passa um tempo no Rio de Janeiro. São pessoas, em geral, muito tocadas pela injustiça social, porque nós temos essa divisão social nos Estados Unidos, mas como é parte da sua cultura, às vezes, você não consegue enxergar racismo ou diferenciações sociais na sua terra. Ou você vai a um lugar onde está fora da sua zona de conforto e percebe uma série de coisas que você não está acostumado de ver.

Em muitos deles, há certa identificação com a esquerda e os movimentos sociais populares, que incentivam certa preocupação sobre as temáticas a serem pesquisadas. Por exemplo, a escravidão, para entender as origens da desigualdade social ou questões de gênero, sexualidade ou regionalismo, porque uma pessoa acabou caindo no Ceará, e resolveu fazer um trabalho sobre o Nordeste porque teve uma família carinhosa que acolheu a pessoa. Então resolve fazer um trabalho sobre o abolicionismo no Ceará ou sobre a construção das novas identidades no Nordeste. São subjetividades no geral, por isso são progressistas, odeiam o Trump, não são agentes do imperialismo. Infelizmente, alguns deles ainda mantêm rasgos da sua cultura e cometem erros aqui refletindo a sua cultura, que às vezes tem atritos e problemas. Mas a maioria dos brasilianistas são pessoas que respeitam muito o país. Tenho uma situação particular, porque não tem outro que militou aqui seis anos em dois movimentos. A minha situação é única. Então, minha relação é por dentro e diferente.

**EV – Obrigado.**